



DINÂMICA ENTRE LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO NA CAMPANHA “ADOLESCÊNCIA PRIMEIRO, GRAVIDEZ DEPOIS – TUDO TEM O SEU TEMPO”

Saulo Albert

Mestrando em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Especialista em Sociopsicologia (FESPSP), Antropologia Cultural (PUCPR) e Psicopatologia Psicanalítica (UNIFG). Bacharel em Direito (UESB), Sociologia (UNINTER) e Filosofia (UNINTER).

sauloalbert404@gmail.com

Edvania Gomes da Silva

Docente no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Doutora em Linguística (UNICAMP). Mestre em Linguística (UNICAMP). Graduada em Letras (UFPE).

edvania.gomes@uesb.edu.br

Edson Silva de Farias

Docente no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB). Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP). Mestre em Sociologia (UNICAMP). Graduado em Comunicação Social (UFF).

edsonfarias@unb.br

Resumo

Neste artigo, analisamos a memória constitutiva da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, política pública da gestão federal de Jair Messias Bolsonaro, com a elaboração da ministra Damares Alves. A problemática deste texto consiste em questionar o esquecimento, por parte desta campanha, de um histórico de conhecimentos contrários à sua existência. A abordagem dessa questão se faz necessária, pois a reverberação dessa memória tende a se materializar, de modo reconfigurado, em iniciativas similares – como a atual *Frente Parlamentar Contra a Sexualização Precoce de Crianças e Adolescentes*. Objetivando, então, a compreensão dessa memória, como dinâmica entre lembrança e esquecimento, sustentamo-nos nas contribuições teóricas de Michel Foucault, por meio dos conceitos operacionais domínio de memória, poder disciplinar e biopoder; e de Paul Ricoeur, estudioso do esquecimento e do imemorial. Além desses autores, fazemos uma revisão bibliográfica de diferentes trabalhos, religiosos e científicos, relacionados a um suposto discurso da pureza (atrelado a questões da sexualidade). As análises revelam que o esquecimento do discurso da pureza como fenômeno histórico (ou seja, não eterno) e das contribuições científicas contrárias a campanhas político-religiosas de promoção da pureza sexual juvenil foi necessário para que a campanha, objeto deste artigo, pudesse ser elaborada e lançada como política pública.

Palavras-chave: pureza sexual; erotização precoce; Damares Alves; Eu Escolhi Esperar; True Love Waits.

Abstract

In this article, we analyze the constitutive memory of the campaign *Adolescence First, Pregnancy Later – Everything Has Its Time*, a public policy of Jair Messias Bolsonaro's federal administration, with the elaboration of Minister Damares Alves. The problem of this text is to question the oblivion, by this campaign, of a history of knowledge contrary to its existence. Addressing this issue is necessary, as the reverberation of this memory tends to materialize, in a reconfigured way, in similar initiatives – such as the *current Parliamentary Front Against the Precocious Sexualization of Children and Adolescents*. Aiming, then, to understand this memory, as a dynamic between remembering and forgetting, we base ourselves on the theoretical contributions of Michel Foucault, through the operational concepts of memory domain, disciplinary power and biopower; and Paul Ricoeur, a scholar of oblivion and the immemorial. In addition to these authors, we carry out a bibliographical review of different works, religious and scientific, related to a supposed discourse of purity (linked to issues of sexuality). The analyzes reveal that forgetting the discourse of purity as a historical phenomenon (that is, not eternal) and the scientific contributions contrary to political-religious campaigns to promote youthful sexual purity was necessary so that the campaign, object of this article, could be elaborated and launched as public policy.

Keywords: sexual purity; early erotization; Damares Alves; I Decided To Wait; True Love Waits.

1 INTRODUÇÃO

Em 3 de fevereiro de 2020, o Governo Federal, sob a presidência de Jair Messias Bolsonaro; o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), sob a responsabilidade de Damares Alves; e o Ministério da Saúde, à época comandado por Luiz Henrique Mandetta, lançaram a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, como parte da *Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce* (Cabral; Brandão, 2020) – que contou com o investimento de R\$ 3,5 milhões¹. Divulgado como um projeto contra a *erotização precoce*², essa campanha esteve

¹ Matéria intitulada “‘Tudo tem seu tempo’: governo lança campanha de prevenção à gravidez na adolescência”, publicada em *Gazeta do Povo* em 03/02/2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/tudo-tem-seu-tempo-governo-lanca-campanha-de-prevencao-a-gravidez-na-adolescencia/> [Acesso em 26/07/2023].

² Publicidade em vídeo da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, publicada pelo Ministério da Saúde, no *Facebook*, em 02/02/2020. Disponível em: https://www.facebook.com/minsaude/videos/campanha-de-preven%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-gravidez-na-adolesc%C3%Aancia/537729460606401/?locale=hi_IN [Acesso em 24/07/2023].

envolta em polêmicas cujas críticas, no debate público, os seus elaboradores não chegaram a responder, pois, no mês posterior, março de 2020, o Ministério da Saúde (MS) declarou o estado de transmissão comunitária em todo o território nacional da COVID-19, levando a um adiamento da campanha contra a erotização juvenil que nunca chegou a ser plenamente executada conforme as diretrizes iniciais (Sousa; Da Silva, 2021).

Essa campanha já estava sendo articulada pelo MMFDH, em dezembro de 2019, através da promoção de um seminário na Câmara dos Deputados sobre o adiamento da iniciação sexual de adolescentes com base em iniciativas religiosas (Cabral; Brandão, 2020). Esse embasamento evangélico³ aparece, por exemplo, na afirmação, por parte do MMFDH, de que o início precoce da vida sexual levaria a comportamentos antissociais, como o afastamento dos pais e da fé⁴, e na alegação de Damares Alves, em entrevista ao jornal *Gazeta do Povo*, de que o “método mais eficaz para não engravidar é não ter relação (sexual)”⁵. Além disso, no seminário promovido pelo MMFDH, um dos palestrantes convidados foi o pastor Nelson Junior⁶, idealizador da campanha *Eu Escolhi Esperar*, que defende que a manutenção da virgindade (física e espiritual) até o casamento é a pedagogia sexual mais adequada aos jovens (Ferreira Neto Junior, 2015).

As críticas à vertente religiosa de estruturação da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo* levaram a uma omissão da terminologia *abstinência sexual* como elemento defendido diretamente por esse projeto, mas o diálogo entre Nelson Junior e Damares Alves, que resultou no planejamento de livros didáticos por parte do *Eu Escolhi Esperar* para a pregação de uma pedagogia sexual evangélica nas escolas⁷, é um indício de como uma doutrina religiosa acerca da sexualidade desencadeou, no Brasil, uma política de saúde pública sem comprovação científica.

³ Seguindo as referências teóricas de Juliano Spyer (2020) e de Taylor C. Boas (2023), utilizaremos o termo *evangélico* para nos referirmos tanto aos protestantes históricos quanto aos pentecostais e neopentecostais.

⁴ Requerimento de informação da deputada Sâmia Bomfim, referente à campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e ao Ministério da Saúde. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1858791 [Acesso em 24/07/2023].

⁵ Vídeo intitulado “ENTREVISTA Damares: ‘Método mais eficaz para não engravidar é não ter relação’ | #Gazetaentrevistas”, publicado no *YouTube* em 17/12/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q7dT7WFtARY> [Acesso em 24/07/2023].

⁶ Matéria intitulada “Proposta de Damares de abstinência sexual de jovens virá como complementar, mas especialistas veem riscos”, publicada em *UOL* em 30/01/2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/01/30/proposta-de-damares-de-abstinencia-sexual-de-jovens-vira-como-complementar-mas-especialistas-veem-riscos.htm> [Acesso em 24/07/2023].

⁷ Matéria intitulada “Defensor de abstinência como programa de governo, ‘Eu Escolhi Esperar’ já prepara livros didáticos”, publicada em *O Globo* em 07/01/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/eu-escolhi-esperar-que-defende-abstinencia-como-programa-de->

De acordo com estudo realizado por Hannah Brückner e por Peter Bearman (2005), nos Estados Unidos, estatisticamente, os jovens que fazem pactos de abstenção sexual até o casamento, como parte de um processo ritualístico evangélico, majoritariamente, não conseguem cumprir as suas promessas. Quando a pesquisa foi realizada, enquanto os jovens que tinham se comprometido com o pacto de pureza tinham a sua primeira relação sexual, em média, aos 19 anos, aqueles que não *escolheram esperar* iniciavam sua vida sexual aos 17 anos. Em princípio, esse adiamento pode aparentar um parcial sucesso dessa doutrina de pureza sexual, porém, segundo essa mesma pesquisa, esses jovens que *escolhem esperar*, precisando ocultar as suas relações sexuais, e com um déficit de educação sexual secular, tendem a utilizar menos métodos anticoncepcionais, como preservativo, o que os deixa expostos às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e à gravidez indesejada. A pesquisa de Brückner e Bearman (2005) é somente um dentre os vários trabalhos que apontam para uma ineficácia, em nível científico e de saúde pública, de campanhas evangélicas de pureza sexual para a promoção da castidade (Cabral; Brandão, 2020). Um outro exemplo de pesquisa desse teor é uma publicação, em periódico científico, da instituição estadunidense Sociedade para Saúde e Medicina do Adolescente⁸ (The Society, 2017), manifestando-se contrariamente a esse tipo de política pública.

Encontramos, então, estudos e publicações científicas estadunidenses, entre as décadas de 1990 e de 2010, que não parecem ter sido considerados na elaboração e lançamento da campanha aqui analisada. Além disso, se mencionamos publicações estadunidenses contrárias a essa espécie de campanha, logo podemos inferir que a proposta inicial de Damares Alves, sobre a elaboração de uma campanha de abstinência sexual, não é inédita. Existe, portanto, uma memória política e religiosa que reverbera na forma da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, mas cujos esquecimentos, propositais ou não, deixam de lado um importante histórico de iniciativas similares que deveria ser avaliado na elaboração dessa política pública.

Objetivamos nos debruçar sobre a campanha do Governo Federal brasileiro contra a erotização precoce para analisar a dinâmica entre lembrança e esquecimento que acreditamos estruturar essa política pública. Tal iniciativa é justificável pela necessidade de se compreender a estratégia, no campo da memória, que permitiu o lançamento dessa campanha, apesar da contrariedade científica – o que pode representar a abertura de um precedente para o surgimento de iniciativas similares no futuro, exemplificável pela criação,

governo-ja-prepara-livros-didaticos-para-escolas-1-24176490 [Acesso em 23/06/2023].

⁸ No idioma original, *The Society for Adolescent Health and Medicine*.

em 2023, da *Frente Parlamentar Contra a Sexualização Precoce de Crianças e Adolescentes*⁹, da qual a senadora Damares Alves é apoiadora.

No que se refere à metodologia, analisaremos o *corpus* desta pesquisa sob algumas das contribuições teóricas de Michel Foucault, como seus escritos acerca do domínio de memória, do poder disciplinar e do biopoder, e de Paul Ricoeur, que pensa o esquecimento (também) como técnica política em favor de uma memória¹⁰. Para realizar tal interlocução, inspiramo-nos em Livia Diana Rocha Magalhães (2018), autora que aponta para a possibilidade de se trabalhar com dois autores de correntes epistemológicas diversas, já que contribuições teóricas distintas podem ser, em alguns aspectos específicos, complementares, permitindo-nos trabalhar conjuntamente com autores diferentes.

Primeiramente, analisaremos a campanha *Eu Escolhi Esperar* para entendermos não somente parte da constituição doutrinária da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, mas também como o pastor Nelson Junior conseguiu sair das esferas religiosa e midiática para alcançar a esfera política. Em seguida, correlacionaremos diferentes trabalhos acerca da chegada ao poder político, nos Estados Unidos, de iniciativas evangélicas em prol da promoção de uma pureza sexual para, em comparação com o movimento brasileiro, inferirmos se há uma memória na política nacional a qual reverbera o que aconteceu nos Estados Unidos. Por fim, retomaremos alguns dos escritos sobre memória de Michel Foucault e de Paul Ricoeur para verificarmos se há, de fato, uma sintaxe entre lembrança e esquecimento que estruturou a campanha do Governo Federal contra a erotização precoce.

2 DO PÚLPITO AO PALANQUE: A CAMPANHA EU ESCOLHI ESPERAR CHEGA À ESFERA POLÍTICA

Em livro homônimo à sua campanha de promoção da pureza sexual juvenil, Nelson Junior (2015) relata a história de sucesso do projeto que ele desenvolveu com a sua esposa, Angela Cristina, no ano de 2011, em Vitória (Espírito Santo), e que rapidamente ganhou alcance nacional através das mídias. Segundo o autor:

⁹ Publicação de Damares Alves na rede social Twitter, em 24/02/2023, em apoio à criação da *Frente Parlamentar Contra a Sexualização Precoce de Crianças e Adolescentes*. Disponível em: <https://twitter.com/damaresalves/status/1629265109468995585?s=46&t=5-IURoH1pv2LdzFMpIO4fg> [Acesso em 25/07/2023].

¹⁰ Desenvolvemos, através dessa abordagem metodológica, um deslocamento teórico, pois Michel Foucault trabalha com uma concepção de sujeito diferente de Ricoeur – no primeiro, vemos um sujeito subjetivado, enquanto, no segundo, temos um sujeito da ação. Porém, como indicado por Magalhães (2018), é possível trabalhar com dois autores de correntes epistemológicas diversas, já que contribuições teóricas distintas podem ser, em alguns aspectos específicos, complementares.

Em três anos, a *Eu Escolhi Esperar* assumiu enormes proporções: mais de três milhões de pessoas se conectaram a ela por meio das redes sociais e, no Twitter, em 2012, tornou-se um dos cinquenta perfis mais influentes do Brasil. Além disso, a campanha ganhou destaque na televisão, em programas de amplo alcance, como *Hora do Faro*, com Rodrigo Faro; *Mais Você*, com Ana Maria Braga; *Profissão Repórter*, com Caco Barcelos; e *Encontro com Fátima Bernardes*. O *Eu Escolhi Esperar* já foi assunto de reportagens em importantes revistas e jornais, como *Época*, *Veja*, *Superinteressante*, *Caras*, *Capricho*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *Estadão* (Ferreira Neto Junior, 2015, p. 17, grifos do autor).

No momento em que este artigo foi escrito, a *Eu Escolhi Esperar* possuía mais de dois milhões de seguidores no Instagram e no Facebook e mais de um milhão de inscritos no Youtube, no canal da campanha, o qual possui cinco vídeos que superam a marca de um milhão de visualizações e treze vídeos com mais de quinhentas mil exibições. Ademais, Nelson Junior e Angela Cristina lançaram, ao decorrer dos últimos anos, alguns livros que resumem o conjunto de princípios e ideias que embasam a campanha (e que se constituem como *corpus* desta seção). O que esse casal, então, prega para tantas pessoas nas mídias? Vejamos o que diz o pastor:

Em nossos dias, há muita vulgaridade e banalização do sexo e da vida amorosa. Existe uma multidão de pessoas feridas, desorientadas e insatisfeitas com a vida amorosa, elas não conseguem discernir o porquê. A *Eu Escolhi Esperar* não é um sucesso, mas sim uma espécie de resposta para uma geração que deseja experimentar algo novo e diferente. É uma campanha que caminha contra a cultura vigente e apresenta outra via, resgatando valores e princípios eternos que a geração de nossos pais desprezou, mas que os jovens de hoje estão descobrindo (Ferreira Neto Junior, 2015, p. 16, grifo do autor).

Os dois principais temas com os quais a *Eu Escolhi Esperar* trabalha são *preservação sexual* e *integridade emocional*. Ou seja, a tese defendida pela campanha é de que a retomada de alguns princípios ascéticos cristãos, atrelados a uma ideia de pureza sexual, serve não somente à manutenção da saúde física do jovem, como também à preservação da sua saúde mental. Trata-se, portanto, de uma campanha que intersecciona as esferas da religião, da saúde pública, da mídia e da política.

No livro *Eu Escolhi Esperar*, Nelson Junior (2015) defende que o argumento instigador do sexo ao jovem solteiro seria diabólico. Como o sexo tornaria duas pessoas uma só carne pelo resto da vida, ele só poderia ocorrer após o casamento na igreja (ou seja, mesmo casado no cartório, o casal não deveria se relacionar sexualmente). O sofrimento, em caso de desrespeito a essas diretrizes, seria resultado de não se seguir os desígnios de Deus (apontados pela *Eu Escolhi Esperar*), o que poderia gerar um sentimento de condenação. Já, para os casais que seguem as determinações divinas, seria possível chegar com segurança ao seu destino, pois a espera de hoje representaria um presente para o(a) futuro(a) marido/esposa do(a) jovem e para os seus futuros filhos.

Em *Eu Escolhi Esperar: para eles* (Ferreira Neto Junior, 2013b), o autor defende que o diabo *teria feito* o homem *confundir* o amor com o sexo, fazendo do coração do homem *seu maior inimigo*. Por isso, o jovem *deveria* se firmar *naquilo que Deus fala*, e *não* naquilo que *os seus olhos veem* – logo, quanto *maior* a adoração, *menor* a percepção dos problemas. Para se aproximar de Deus, *faz-se necessário* se afastar das coisas *mundanas*; ser fiel, portanto, é ser *obediente* a Deus, o que *requereria* obediência *completa*, acompanhada de renúncia *completa* – afinal, se Jesus morreu por nós, *nenhum sacrifício que fizermos seria grande demais*. O jovem *deveria*, diante disso, procurar a *mortificação da carne*, procurar ser santo e entender que a carne *odeia* que o sujeito esteja sob a vontade de Deus, pois o inimigo *perde* as armas quando o jovem *resiste à carne*. Por outro lado, a ansiedade *seria reflexo da falta de Deus* e se algo não está dando certo na vida do jovem, isso seria *sintoma* da sua *desarmonia* com Deus. O *segredo* de uma vida pura teria relação com a manutenção de *sentimentos puros*, o que seria bastante difícil em um *mundo pornô*, mas, apesar de *sermos tentados* pelos maus desejos, esse sofrimento *seria* apenas passageiro.

No livro *Eu Escolhi Esperar: para elas* (Ferreira Neto Junior, 2013a), além da repetição de vários dos argumentos presentes no livro anterior, Nelson Junior defende que a menina que *dança para Deus* não deveria *fornicar* com o namorado, que *mulheres de verdade* abririam sorrisos e *não as pernas*, e que o sexo antes do casamento *não levaria* ao casamento, logo a jovem deveria *fugir da sensualidade*, *evitar* promover a beleza do próprio corpo e, quando os seus *sentimentos gritarem*, ela *deveria gritar mais alto* em Deus.

Em conjunto com a sua esposa, Angela Cristina, Nelson Junior também publicou o livro *Tire suas dúvidas sem tirar a roupa: não é só sobre aquilo* (2019), que, apresentando um suposto passo a passo para o jovem ter saúde emocional, explana que o Diabo *sempre tenta* nos enganar, por isso o leitor *deveria ignorar* motes do senso comum como: “qual o problema, se todo mundo faz?”, “faça aquilo que o seu coração está mandando”, “o importante é a sua felicidade” etc. Ainda segundo os autores:

A sociedade moderna e movimentos sociais têm pregado que o caminho para a plenitude está na independência. Porém, ser satisfeito e feliz no relacionamento não está ligado à reivindicação de direitos, mas sim à concessão deles. A insistência em ser independente tem levado muitos à instabilidade emocional, e, por consequência, a se afastarem sutilmente de Deus. A escolha pela emancipação, o querer fazer as coisas do seu próprio jeito, sem depender de terceiros, é um caminho mortal (Ferreira Neto Junior; Cristina, 2019, p. 36).

O primeiro passo que o jovem, seguidor da campanha *Eu Escolhi Esperar*, deveria tomar para a transformação sentimental seria se proteger dos enganos do Diabo. Para tal, o jovem teria de se livrar dos *pecados de estimação* através de oração contínua – arma eficaz

na guerra da carne contra o espírito – e precisaria cuidar do excesso de pensamentos, protegendo não somente seu corpo, mas também seu coração. Diante disso, o jovem, até 18 anos, ainda não estaria pronto para namorar e, além disso, ele não deveria se relacionar com alguém com quem não tenha intenção de se casar pelos próximos três anos (já que o tempo ideal de namoro seria entre um e dois anos) e, também, precisaria estar ciente de que, além do sexo antes do casamento, *masturbação, pornografia e homossexualidade* não seriam práticas aceitáveis (Ferreira Neto Junior; Cristina, 2019).

Esse conjunto de ideias sobre a sexualidade juvenil funciona como uma espécie de pedagogia religiosa, amplamente difundida midiaticamente e que se propõe como um caminho para que os jovens alcancem saúde emocional. Tudo isso já seria uma justificativa para se estudar, do ponto de vista sociológico, antropológico, psicológico e, até mesmo, linguístico, esse fenômeno. Mas, além disso, destacamos que, conforme indicado anteriormente, esse conjunto de teses de cunho religioso embasou o desenvolvimento de uma política pública, a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, a qual estabeleceu, ainda, uma interlocução com líderes religiosos, como o pastor Nelson Junior. Trata-se, portanto, de dinheiro público, investido em um projeto de saúde pública voltado à sexualidade juvenil, com embasamento religioso, e que polemiza com inúmeras pesquisas científicas acerca da mesma temática. Entender esse acontecimento nos demanda, por conseguinte, esboçar um panorama complexo que vai além da campanha *Eu Escolhi Esperar*.

Em maio de 2011, o Governo Federal, sob a presidência de Dilma Rousseff, planejou lançar uma campanha educacional anti-homofobia nas escolas, a qual foi batizada, pejorativamente, por alguns conservadores (incluindo alguns grupos evangélicos e Jair Bolsonaro), como *kit gay*. Alegava-se, a partir dessa posição, que o governo visava *incentivar a homossexualidade em crianças*. Esse é um exemplo de evento que, de acordo com Boas (2023), mobiliza politicamente os evangélicos, pois eles se sentem ameaçados, o que, somado a uma teologia que estimula a prática política, a pregação de que *irmão vota em irmão* e um modelo político-partidário que facilita a eleição de representantes evangélicos, acaba por motivar a entrada dos evangélicos na esfera política em prol da defesa de causas religiosas, tais como a suposta preservação sexual dos jovens.

A luta contra uma pretensa *erotização precoce* também passa pela defesa dos *valores familiares cristãos*. Downland (2015) entende que os valores familiares passaram a fazer parte da linha de frente, na batalha política, tanto para os evangélicos quanto para políticos conservadores, nos Estados Unidos, a partir da década de 1970, em contraposição aos movimentos sociais e a uma secularização do Estado. Grupos evangélicos

estadunidenses, então, começaram a destacar o gênero como marcador fundamental da identidade humana e a família como chave da sobrevivência nacional.

A esse panorama ainda podemos acrescentar o *Tradicionalismo*. Movimento de resistência contra o mundo moderno (modernidade essa que abrange tanto o humanismo quanto o iluminismo), o Tradicionalismo (com T maiúsculo), conforme Benjamin R. Teitelbaum (2020), refere-se a uma escola espiritual e filosófica alternativa, fundada na primeira metade do século XX por René Guénon, que tem, entre suas pautas, a *luta contra a razão*, devido ao *papel* desta no recuo da religião em relação à política e ao debate público. Um dos seguidores mais conhecidos do Tradicionalismo no Brasil, Olavo de Carvalho (2014), defendia que a *decadência cultural contemporânea* seria resultado da secularização do Estado e de um afastamento social dos princípios religiosos, o que *seria culpa* do socialismo, do Partido dos Trabalhadores (PT), dos movimentos sociais, entre outros agentes.

Tanto entre grupos evangélicos quanto em meio aos Tradicionalistas, vemos, na contemporaneidade, a demanda por uma dessecularização do Estado, visando uma reaproximação entre Estado e religião. Esse fenômeno é perceptível, por exemplo, no fato de Eduardo Bolsonaro e Flávio Bolsonaro terem sido alunos de Olavo de Carvalho, contribuindo com a aproximação entre o professor e o pai de ambos, Jair Bolsonaro, o que ajudou a fazer de Olavo de Carvalho uma espécie de *ideólogo* da família Bolsonaro (De Carvalho, 2020). Em consonância com esse movimento, a luta de Jair Bolsonaro contra um movimento progressista sexual e de gênero (Teixeira; Barbosa, 2022), juntamente com o alinhamento entre Jair Bolsonaro e diversas lideranças religiosas (Carranza; Santos; Jácomo, 2021), resultou em um grande apoio evangélico ao referido político, fato que contribuiu, consideravelmente, para a sua vitória na campanha presidencial de 2018 (Spyer, 2020) e que quase o levou à reeleição em 2022.



Figura 01 – Publicação de Nelson Junior sobre o seu encontro com Jair Bolsonaro

Fonte: Instagram (2022)

Nessa seara, Nelson Junior, durante o último processo eleitoral de 2022, além de ter utilizado as suas redes sociais para defender Jair Bolsonaro e para também fazer campanha em favor do referido, à época, candidato à reeleição, resolveu, também, tentar atuar mais diretamente na esfera política através da sua própria candidatura ao Senado Federal pelo estado do Espírito Santo¹¹, mas não conseguiu se eleger.

A partir dessa exposição, entendemos que a chegada ao Governo Federal da doutrina evangélica contemporânea da pureza sexual juvenil, durante a gestão de Jair Bolsonaro, fez parte de um fenômeno amplo e complexo atrelado a uma demanda de dessecularização do Estado que possibilitou, por exemplo, a articulação de nomes como Damares Alves e Nelson Junior na elaboração da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*.

Todavia, considerando a participação da *Eu Escolhi Esperar* nesse processo de interseção entre Estado e religião, contra a esfera científica, questionamos: trata-se de um fenômeno espontâneo e único ou há uma memória que faz desse movimento uma reverberação de eventos anteriores? Podemos começar a responder essa questão a partir dos escritos do próprio Nelson Junior (2015), o qual relata que:

¹¹ Matéria intitulada “Quem é Nelson Junior, candidato ao Senado pelo ES”, publicada em Folha Vitória em 20/09/2022. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/politica/noticia/09/2022/quem-e-nelson-junior-candidato-ao-senado-pelo-es> [Acesso em 23/06/2023].

Quando eu era adolescente, surgiu no Brasil um movimento que ficou muito conhecido, o *Quem ama espera*, liderado pelo pastor Jaime Kemp. As pessoas sempre me perguntaram se o *Eu Escolhi Esperar* é a nova versão do *Quem ama espera*. Outras, mais precipitadas, dizem que o *Eu Escolhi Esperar* é uma cópia do *Quem ama espera*. Eu respondo que a campanha que idealizei é, na verdade, fruto do *Quem ama espera* (Ferreira Nelson Júnior, 2005, p. 20-21, grifos do autor).

Quem ama espera foi uma campanha, promovida na década de 1990, pelo *Ministério Lar Cristão do Brasil*, de aconselhamento juvenil sobre temas da sexualidade, que inovou ao falar abertamente sobre sexo nas igrejas aos jovens fiéis (Custódio, 2015). A campanha objetivava ter uma estética *pop*, com alcance midiático, para explicar aos jovens sobre a importância de se manter a pureza sexual no mundo contemporâneo. Mas, da mesma forma que a campanha *Eu Escolhi Esperar*, a *Quem ama espera* existe a partir de uma memória que, vinculada a um certo grau de esquecimento, ajudou a sustentar o projeto do Governo Federal que é objeto deste estudo.



Figura 02 – Logotipos das campanhas *Quem ama espera* e *True Love Waits*

Fontes: Deezer (2023) e Emmanuel Baptist Church (2023)

As semelhanças entre os logotipos acima e os seus respectivos títulos não é coincidência. Do mesmo modo que a *Eu Escolhi Esperar* é fruto da *Quem ama espera*, a *Quem ama espera* foi uma campanha que se estruturou de modo muito similar à sua quase homônima *True Love Waits*, fenômeno que nos demanda deslocar o nosso estudo para o panorama estadunidense.

3 O FUNDAMENTALISMO BATISTA E O *TRUE LOVE WAITS*

A Convenção Batista do Sul é uma instituição criada em 1845, como resultado de uma cisão entre os batistas do sul e os do norte, devido a conflitos envolvendo, por

exemplo, a questão escravista – o Norte era contrário, enquanto o Sul era favorável à escravização. Essa Convenção funciona, até a atualidade, como um sistema democrático que abrange diversas igrejas batistas do sul dos Estados Unidos, as quais elegem representantes para um encontro anual em que os delegados eleitos decidem sobre diretrizes religiosas, questões burocráticas, gerenciamento financeiro e sobre a administração de várias agências batistas – incluindo universidades e organizações midiáticas (Hefley, 1991).

Desde 1888, a proposta da Convenção Batista do Sul era ganhar almas e não se envolver diretamente com pautas da política nacional. Apesar de, na década de 1920, a Convenção começar a observar o crescimento de um movimento conservador interno, o que ocorreu entre as décadas de 1930 e 1950, uma administração qualificada como *moderada* era considerada bem-sucedida pelos resultados positivos sobre o crescimento denominacional. Nesse sentido, fora a sua postura anticomunista, na década de 1950, a Convenção ainda tentava se manter afastada do poder político secular (Smith, 1997).

Nesse período, segundo Nils Schnelle (2009), começava a crescer em algumas denominações evangélicas do país, como entre os presbiterianos e os batistas, um movimento autointitulado *fundamentalista*, por defender um retorno ao que seriam os fundamentos bíblicos, ou seja, eles defendiam uma leitura mais literal da Bíblia. Tal movimento se intensificou entre as décadas de 1960 e 1980 em resistência aos movimentos sociais (como o *hippie*, o feminista e o homoafetivo), às medidas de maior secularização do Estado e à legalização do aborto. A Nova Direita estadunidense, constituída após a fracassada campanha presidencial do Partido Republicano, em 1964, aproveitando-se desse contexto, buscava estender a sua rede de influências e passou a conseguir adeptos dentro de uma nova plataforma midiática que estava se tornando bem-sucedida na década de 1970: os televangelistas conservadores nas emissoras de TV.

No mesmo sentido, ao decorrer dessa década de 1970, os batistas do sul ajudaram a desenvolver uma interseção entre religião e política, entre a Convenção e o Partido Republicano, que foi exportada para o restante do país (Smith, 1997). Na década de 1970, apesar dos moderados se manterem no poder, já havia muitos batistas identificados com os fundamentalistas. Estes fomentavam movimentos de resistência aos moderados, como a perseguição a alguns professores, em universidades batistas, que defendiam uma interpretação menos literal da Bíblia. Entretanto, após décadas de moderação, na eleição de 1979, os fundamentalistas chegam ao poder na Convenção, iniciando um período de maior perseguição contra os batistas que faziam uma leitura menos fundamentalista da Bíblia e promovendo um maior ativismo político contra a secularização do Estado (Hefley, 1991).

Em 1981, Francis A. Schaeffer, pastor presbiteriano, publicou o livro *A Christian Manifesto*, o qual, de acordo com Oran P. Smith (1997), Seth Dowland (2015) e Frank Schaeffer (2011), além de ter sido um sucesso de vendas, com mais de um milhão de cópias vendidas em livrarias evangélicas, estimulou os evangélicos a se tornarem politicamente ativos. Nesta obra, Schaeffer (1982) defende que o *problema* dos cristãos contemporâneos é que eles *teriam* se tornado *permissivos* ao humanismo, através de uma teologia pós-iluminista que tentaria misturar o mundo secular e o religioso, os quais *seriam incompatíveis*. A *verdadeira* espiritualidade cobriria *toda a realidade*, incluindo medidas governamentais e legais, porém o humanismo, *falso e destrutivo*, teria *dominado* as escolas, a mídia, a lei e departamentos governamentais, *afastando-nos* da governança de Deus, pois a separação entre Estado e igreja, nos Estados Unidos, *teria servido para silenciar as igrejas*. A liberdade religiosa *deveria* incluir a possibilidade de demonstrar que o cristianismo seria a *verdade total de toda a realidade*, mas o que *estaria* acontecendo seria o *oposto* disso, pois as leis, as cortes judiciais e a mídia *estariam impondo o humanismo* para toda a população. Francis A. Schaeffer, então, mobiliza os evangélicos a *não aceitarem qualquer elemento do humanismo* para que promovessem um *renascimento* do cristianismo, o qual *deveria* se dar através de uma *árdua batalha* que poderia abranger: i) *desobediência civil a um Estado contrário à palavra de Deus*; ii) *resistência à pedagogia escolar*; iii) *protestos*; e, até mesmo, iv) *uso de força quando necessário e legítimo*, pois, ainda segundo o autor, os cristãos estariam em *guerra* contra o humanismo – e não existiriam partes neutras nessa batalha.

Jerry Falwell, um dos principais nomes do fundamentalismo na Convenção Batista do Sul, lançou, em 1979, a *Moral Majority*, instituição a favor da vida, da família tradicional, da moral e do americanismo, que se tornou um dos maiores grupos de lobby evangélico junto ao poder político (Schnelle, 2009). Em consonância com Schaeffer, Falwell entendia que a legalização do aborto era uma das principais pautas a serem combatidas pelos evangélicos, fenômeno que estaria diretamente ligado à imoralidade do sexo antes do casamento (Dowland, 2015).

Durante a década de 1980, paulatinamente, os moderados foram perdendo espaço dentro da Convenção Batista do Sul, enquanto os fundamentalistas passavam a obter o poder sobre várias agências e instituições batistas. Exemplo disso foi a sessão de número 133 do 144º ano da Convenção Batista do Sul, em 1990, na qual a *Christian Life Commission*, a comissão de ética da Convenção, foi parabenizada pelo trabalho em prol da moralidade (contra o aborto e a pornografia), obtendo, como contrapartida, mais recursos e liberdade religiosa para a execução dos seus projetos, dando início a um programa expandido que

poderia se preocupar menos com a separação entre Estado e Igreja, podendo tentar intervir na educação pública e atuar em Washington junto ao poder político federal (Hefley, 1991).

Apesar da ideia de se falar sobre sexo abertamente aos jovens nas igrejas, à época, ainda ser um tabu, a crise da AIDS estava mobilizando a *Christian Life Commission*, juntamente com outras agências batistas, a desenvolverem um modelo pedagógico de educação sexual que se adequasse ao cristianismo fundamentalista da instituição¹². Após anos de desenvolvimento interno do projeto *Christian Sex Education*, a Convenção Batista do Sul lança, então, em 1993, a campanha *True Love Waits*.

Em artigo publicado três anos após o início desse movimento, J. Shwan Landres (1996) definiu o *True Love Waits* como uma campanha midiática e interdenominacional de promoção da pureza sexual juvenil, cuja finalidade era combater a mídia tradicional sexualizada com uma mídia antisssexual para elevar os padrões morais decadentes. Um importante diferencial dessa campanha era a realização do *marketing* de uma modalidade de identidade. Por se tratar de uma campanha *pop*, a *True Love Waits* gerava senso de comunidade através de uma série de rituais cuja execução os jovens podiam vivenciar e praticar em conjunto, mutuamente – como a assinatura de contrato de pureza, uso de anel de pureza, escutar músicas de promoção da pureza sexual etc. A esse respeito, vejamos o exemplo da música abaixo:

RAP

S-E-X-O é um teste quando me sinto pressionado
Então, volte com menos entusiasmo
Impressione este irmão com uma vida de virtude
A inocência que é gasta vai te machucar
Seguro é o jeito que eles dizem jogar
Então, novamente, seguro não é seguro hoje
Então espere pelo companheiro que vem direto de Deus
Não faça sexo até você se casar

CORO

Eu não quero isso, eu não quero isso, eu não quero seu sexo por enquanto
Eu não quero isso, eu não quero isso, eu não quero isso até trocarmos os votos

VERSO I

Garota, vai demorar um pouco para vermos (a verdade)
Que o amor é simplesmente mais gratificante do que a necessidade (de S-E-X-O)
Respeito é o que precisamos para encontrar a cura para esta doença (da luxúria)
E confiar em Deus acima para moldar nossas vidas em harmonia
É por isso que estou dizendo

REPETE O REFRÃO¹³

¹² Comunicação intitulada *AIDS crisis demands that churches educate, equip, reach out with love*, escrita por Linda Lawson e publicada pela *Baptist Press* em 10/10/1989. Disponível em: <http://media.sbhla.org.s3.amazonaws.com/6861,10-Oct-1989.PDF> [Acesso em 25/07/2023].

¹³ Tradução da primeira parte da música *I don't want it*, presente no primeiro CD lançado pela *True Love Waits*, em 1994. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1v4C8zd_tyxPDsQvpJjpfSSszuqMytrK/view?usp=sharing [Acesso em

O documentário intitulado *True Love Waits* (2017), produzido por agência da própria Convenção Batista do Sul, relata como a *LifeWay*, divisão de publicação e distribuição de mídia cristã da Convenção, ficou responsável pelo projeto *Christian Sex Education*, o qual, além da produção de livros didáticos sobre a sexualidade juvenil, produziu o lançamento da campanha *True Love Waits* durante a Conferência Nacional do Ministério da Juventude, em abril de 1993. No dia seguinte a esse lançamento, plataformas midiáticas (incluindo jornais, revistas e emissoras de televisão) começaram uma intensa procura por mais detalhes sobre a campanha, o que ajudou a fazer dela um fenômeno.

Todavia, em consonância com o novo gerenciamento fundamentalista da Convenção Batista do Sul, a tentativa de levar a doutrina da pureza sexual aos jovens não se restringiu à esfera midiática, pois chegou também à política:

Lançada em 1993, pela Convenção Batista do Sul, *True Love Waits* é geralmente considerada a iniciativa mais poderosa na indústria da pureza. *True Love Waits* nunca recebeu financiamento federal, mas seu relacionamento com o governo era robusto mesmo assim. *True Love Waits* fez uma campanha ativa com a finalidade de o governo alocar dinheiro para a programação de abstinência sexual até o casamento e, um ano após seu lançamento, surpreendeu o país ao levar 20.000 adolescentes ao *National Mall*, onde esses jovens deixaram no gramado 211.156 contratos de pureza assinados. Posteriormente, 150 ativistas da pureza tiveram uma sessão especial com o presidente Bill Clinton. Dois anos depois, o Congresso alocou US\$ 50 milhões por ano para o já mencionado programa de abstinência¹⁴ (Klein, 2018, p. 25, tradução nossa, grifos nossos).

Após anos de campanha, a *True Love Waits*, a partir da década de 2000, começou a ser alvo de estudos e pesquisas que, na esfera científica, como já referenciado anteriormente (Cabral; Brandão, 2020; Brückner; Bearman, 2005; The Society, 2017), apontavam para uma ineficiência da doutrina da pureza sexual cristã como política de saúde pública. Além disso, os trabalhos de Linda Kay Klein (2018) e Linda Schemer Sellers (2017) relatam vários casos de pessoas, principalmente mulheres, que, na juventude, passaram por instituições que pregavam essa doutrina da pureza sexual cristã, na modalidade pedagógica e midiática promovida pela Convenção Batista do Sul, e, quando adultos, tiveram que lidar com variadas consequências socioemocionais, incluindo, em casos mais graves, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático.

O próprio documentário *True Love Waits* (2017), apesar de tentar fazer uma propaganda positiva da campanha, perpassa, mesmo que superficialmente, essas críticas. Ao final, a *LifeWay* explana sobre o encerramento da campanha *True Love Waits*, focada na

26/07/2023].

¹⁴ O *programa de abstinência* que a autora menciona se trata de uma iniciativa do Governo estadunidense, iniciada em 1981, no contexto da crise da AIDS, de alocar recursos para projetos de promoção da abstinência sexual (Klein, 2018).

pureza sexual juvenil, para dar lugar ao *True Love Project*, entendendo a pureza de forma mais ampla (e não estritamente sexual).

Se analisar a campanha *True Love Waits* nos leva diretamente ao fundamentalismo religioso nos Estados Unidos e às várias publicações acerca da ineficiência da pureza sexual como política de saúde pública, essa memória, em iniciativas similares no Brasil contemporâneo, não aparece. Nesse sentido, tais relatos, ao invés de lembranças, tornam-se esquecimento. Defendemos, aqui, que tal dinâmica precisa ser estudada para compreendermos se se trata de um esquecimento casual ou de um projeto político.

4 O ESQUECIMENTO CONSTITUINTE DA CAMPANHA BRASILEIRA CONTRA A EROTIZAÇÃO PRECOCE

Não é possível analisar o material exposto até o momento sem deixar de se observar uma série de similaridades entre as campanhas *True Love Waits* e *Eu Escolhi Esperar*. Ambas se constituem como campanhas evangélicas interdenominacionais de promoção de uma vertente contemporânea da pureza sexual cristã juvenil através das mídias, obtendo grande repercussão em jornais, revistas e televisão, por exemplo. Além disso, tentando adotar uma linguagem (estética e verbal) mais jovial, as duas campanhas inovaram ao buscar falar mais abertamente sobre sexo e sexualidade nas igrejas a um público jovem, para o qual, antes, pregar sobre sexo nas igrejas era um grande tabu (Ferreira Neto Junior, 2015). Além disso, outro ponto em comum é a perspectiva política não secular de ambos os projetos, dos quais partiram iniciativas de aproximação com seus respectivos governos federais em prol de investimentos para campanhas públicas de promoção da pureza sexual juvenil.

Chama-nos atenção, todavia, que, apesar da *Eu Escolhi Esperar* ter, em sua gênese, inspiração estrutural na *True Love Waits*, a campanha estadunidense não é mencionada por parte dos idealizadores da campanha brasileira em nenhum material que obtivemos acerca da temática. No mesmo sentido, apesar da campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, do Governo Federal, refletir um movimento evangélico de pureza sexual ocorrido nos Estados Unidos, não vemos menção, nos materiais que coletamos sobre essa política pública, ao que ocorreu na década de 1990, nessa seara, no país norte-americano. Uma das possibilidades de se compreender esse cenário, a partir do campo teórico da memória, é através do conceito de *domínio de memória*, como explanado por Michel Foucault (2014a, p. 97):

[...] trata-se dos enunciados¹⁵ que já não são nem admitidos nem discutidos, que já não definem, por conseguinte, nem um corpo de verdades nem um domínio de validade, mas a respeito dos quais se estabelecem relações de filiação, de gênese, de transformação, de continuidade e de descontinuidade histórica.

Apesar da rápida menção feita, entre os materiais que colhemos da *Eu Escolhi Esperar*, à inspiração que eles tiveram da campanha *Quem ama espera*, Nelson Junior e Angela Cristina, quando mencionam referências ao citado projeto, fazem-no de forma mais genérica, pois eles estariam, na verdade, “resgatando valores e princípios eternos que a geração de nosso país desprezou, mas que os jovens de hoje estão descobrindo” (Ferreira Neto Junior, 2015, p. 16). Logo, apesar das relações de filiação e de gênese que conseguimos traçar entre ambas as campanhas, não há um diálogo explícito, por parte da *Eu Escolhi Esperar*, sobre a *True Love Waits*, tratando-se de um movimento “esquecido”, pela campanha brasileira, mas que, por a constituir, funciona na relação com um domínio de memória.

Outro conceito operacional foucaultiano importante, nesse contexto, é o *eco* – terminologia que, apesar de aparecer em diversos escritos de Foucault, permaneceu em segundo plano, por parte dos estudiosos, até a concatenação elaborada por Laelson Matos Ribeiro Júnior e Edvania Gomes da Silva (2023). O *eco* corresponde é uma paráfrase que serve para explicar a retomada e reconfiguração de certas práticas atreladas a uma memória. Ainda segundo os autores:

Os ecos, apesar de manterem uma relação com o acontecimento que os precedeu no tempo, ainda assim são diferentes em relação a ele, tanto quanto a seu volume, duração, altura e timbre. Os ecos também possuem, em relação ao acontecimento precedente, algo que é bastante caro ao pensamento foucaultiano – especialmente se quisermos alinhar estas proposições àquilo que é defendido na *Arqueologia do saber*: eles são descontínuos. Há intervalos incertos entre o acontecimento precedente e aquilo que se repete sempre de forma reconfigurada (Ribeiro Junior; Silva, 2023, p. 18, grifo dos autores).

Podemos entender, então, que a relação entre a *Eu Escolhi Esperar* e a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo* ecoa a influência da *True Love Waits* sobre o governo estadunidense na elaboração de políticas públicas em prol da castidade juvenil. Ou seja, apesar das similaridades, a campanha religiosa brasileira reconfigura as práticas da sua similar norte-americana, segundo certas condições de possibilidade¹⁶ da atualidade brasileira, mais de duas décadas após a sua similar

¹⁵ “Não devemos procurar no enunciado uma unidade longa ou breve, forte ou debilmente estruturada, mas tomada como as outras num nexo lógico, gramatical ou locutório. Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte identificável a um certo nível de análise, é antes uma função que se exerce verticalmente em relação a essas diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se essas unidades estão ou não presentes [...] é uma função de existência que pertence como traço próprio aos signos [...]” (Foucault, 2014a, p. 128).

¹⁶ Condição de possibilidade é um conceito operacional que aparece, em diferentes momentos, nos

estadunidense. Um exemplo dessa reconfiguração se dá na omissão da campanha do Governo Federal brasileiro, contra a erotização precoce, da expressão *abstinência sexual*. Apesar de Damares Alves e Nelson Junior, interlocutores na elaboração dessa campanha, defenderem a abstinência com base na doutrina de uma pureza sexual, e apesar do seminário na Câmara dos Deputados, que antecedeu a *Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce*, ter ocorrido com representantes religiosos defensores do adiamento da iniciação sexual de adolescentes (Cabral; Brandão, 2020), esse projeto governamental brasileiro foi bastante combatido, desde a sua gênese, devido às atuais provas da ineficácia de políticas públicas em prol da abstinência sexual, o que levou a um lançamento mais modesto do que o planejado inicialmente.

O domínio de memória dessa campanha contra a *erotização precoce*, contudo, ecoa relações de poder que datam de períodos anteriores ao *True Love Waits* e à própria Convenção Batista do Sul. Se tanto o Brasil quanto os Estados Unidos, como poderes estatais, viram-se capazes de instituírem políticas públicas de controle da sexualidade juvenil com base em princípios que ecoam diretrizes religiosas, não é possível passar por essa temática sem falar sobre o poder disciplinar e o biopoder.

Derivado da *patria potestas*, normatização do direito romano que permitia ao pai de família o direito de *dispor* da vida de seus filhos e escravos (Foucault, 2019a), o poder soberano materializava a ideia de que “a política deve resultar na guerra” (Foucault, 2010, p. 218), ofertando ao soberano o direito de *fazer morrer* e de *deixar viver*. Posteriormente, os séculos XVII e XVIII são um momento de transição no que diz respeito às formas e ao tratamento das relações de poder: emerge, então o poder disciplinar.

Esse tipo de poder se opõe, em seus mínimos detalhes, ao mecanismo que a teoria da soberania descrevia ou tentava transcrever. A teoria da soberania está vinculada a uma forma de poder que se exerce muito mais sobre a terra e seus produtos do que sobre os corpos e seus atos: se refere à extração e apropriação pelo poder dos bens e da riqueza e não do trabalho; permite transcrever em termos jurídicos obrigações descontínuas e distribuídas no tempo; possibilita fundamentar o poder na existência física do soberano, sem recorrer a sistemas de vigilância contínuos e permanentes; permite fundar o poder absoluto no gasto irrestrito, mas não calcular o poder com um gasto mínimo e uma eficiência máxima (Foucault, 2019b, p. 291).

escritos de Michel Foucault, relacionando-se com a ideia de *a priori* histórico – como condição de realidade dos enunciados (Foucault, 2014a) – e, segundo o qual, os enunciados são desenvolvidos e concatenados, em um momento histórico, conforme o complexo conjunto de relações desse período. Em *As palavras e as coisas* (2014b), Foucault defende que a possibilidade de conhecer as coisas, através da linguagem, é uma concepção que varia de acordo com as condições de possibilidade de cada episteme ao decorrer da história ocidental. Já em *A verdade e as formas jurídicas* (2013), encontramos que o inquérito é reconfigurado historicamente conforme as condições de possibilidade de diferentes períodos. “A arqueologia é uma história das condições históricas de possibilidade do saber” (Castro, 2016, p. 40).

Interpretando o poder disciplinar foucaultiano, Maria da Conceição Fonseca-Silva entende que o poder disciplinar “[...] se materializa em noções e conceitos, configurando um controle social que se efetua por normas e regras, por vigilância e por exame” (2007, p. 64), fazendo funcionar “[...] relações de saber-poder que produzem a verdade do sujeito sujeitado por práticas disciplinares” (2007, p. 64). Esse poder disciplinar pode ser exemplificado pela analogia do *panopticon*, aplicada às prisões, escolas e hospitais, as quais funcionavam (funcionam?) como instituições de controle (Foucault, 2014c).

Uma reconfiguração desse poder, que começa a ocorrer por volta da metade do século XVIII e se institui mais fortemente a partir do século XIX, com o nascimento da clínica médica, é denominado, por Foucault, biopoder. O poder, nesse contexto, passa a investir sobre a vida, de cima a baixo, assumindo a função de gerir a vida (Foucault, 2019b). Se o poder soberano *fazia morrer e deixava viver*, o biopoder inverte essa lógica ao *fazer viver e deixar morrer*.

Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, mais do que se manifestar em seu fausto mortífero; não tem que traçar a linha que separa os súditos obedientes dos inimigos do soberano, opera distribuições em torno da norma. Não quero dizer que a lei se apague ou que as instituições de justiça tendam a desaparecer; mas que a lei funciona cada vez mais como norma, e que a instituição judiciária se integra cada vez mais num contínuo de aparelhos (médicos, administrativos etc.) cujas funções são sobretudo reguladoras. Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida (Foucault, 2019b, p. 156).

Como o biopoder se constitui a partir do seu controle sobre a vida, em nível orgânico e populacional, o controle sobre a sexualidade passa por essa tecnologia de poder, abrangendo tanto o comportamento individual quanto o controle populacional, porquanto “a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal, depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente [...]” (Foucault, 2010, p. 211). Isso se materializava, por exemplo, tanto no controle sobre os corpos femininos, quanto nas técnicas de controle da masturbação exercidas por várias instituições (como a família e a escola) sobre as crianças, ou mesmo, a partir de um exemplo brasileiro, nos dispositivos de controle, os quais, devido à manifestação desse biopoder, precisam ser desenvolvidos a partir do desenvolvimento do *namoro* como modalidade de relacionamento socialmente aceita. Nesse sentido, afirma Del Priore:

Todo um dispositivo de controle se colocava, então, em funcionamento a fim de preservar a reputação e a honra da moça, representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio burguês. Para evitar tentativas eróticas, os passeios eram acompanhados e só duravam até nove horas da noite, limite para voltar para casa. O tiro das nove, disparado em um velho forte de Salvador, por exemplo, era um marco para os namorados da cidade recolherem-se. No caso de

defloramento ou gravidez o "desastre" era punido com casamento imediato ou sentença judicial (Del Priore, 2019, p. 279).

A biopolítica, então, atrelada ao biopoder, se constitui juntamente com o aparecimento da *população* como *problema* político, visando a *otimização* da vida a partir de uma nova ciência do *fazer viver*. Contudo, essa modalidade de poder não substitui por completo o poder disciplinar e o poder soberano, os quais ecoam na modernidade e na contemporaneidade de modo complementar (Foucault, 2010). Há, portanto, um conjunto de práticas associadas a um *discurso*¹⁷ da pureza que aparecia, por exemplo, nos manuais acerca da virgindade do século IV (Foucault, 2021), e que ecoam, a partir de tecnologias disciplinares e biopolíticas, de variadas formas até uma reconfiguração contemporânea na forma de projetos como o *True Love Waits*, o *Eu Escolhi Esperar* e a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*. Se o controle, nas igrejas, sobre os corpos juvenis, a partir de diretrizes sexuais religiosas, remete ao poder disciplinar, o eco desse discurso da pureza, no poder político estatal, reverberando na forma de políticas públicas, seria um exemplo do biopoder.

Quando o pastor Nelson Junior afirma, então, que a *Eu Escolhi Esperar* resgata “[...] valores e princípios eternos [...]” (2015, p. 16), ou mesmo quando defende que o projeto de Damares Alves, contra a *erotização precoce*, não teria viés religioso, pois ele abrangeria uma “linguagem para respeitar os valores familiares”¹⁸, esse domínio de memória envolve um esquecimento da historicidade dessas práticas disciplinares e biopolíticas.

Acerca do esquecimento, remetemo-nos a Paul Ricoeur (2007) a fim de indicar, com base no referido autor, como a memória é instrumentalizada pelos detentores do poder e como o esquecimento é emblemático da vulnerabilidade de toda a condição histórica, ou seja, como o esquecimento torna possível a memória. Além disso, nessa seara, Ricoeur introduz o *imemorial*, como conceito operacional, associado à ideia de que determinados acontecimentos nunca chegam a alcançar determinados sujeitos, fazendo disso uma ausência constitutiva das suas memórias. Trata-se, portanto, de transformar o esquecimento (e o imemorial) em lembrança, então, passa a ser um componente de luta política, fazendo da memória um objeto sempre em disputa.

¹⁷ “Teria então chegado o momento de considerar esses fatos de discurso, não mais simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas, de certa forma – e aqui me inspiro nas pesquisas realizadas pelos anglo-americanos – como jogos (*games*), jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquiva, como também de luta. O discurso é esse conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro. Essa análise do discurso como jogo estratégico e polêmico é, a meu ver, um segundo eixo de pesquisa” (Foucault, 2013, p. 19, grifo do autor).

¹⁸ Matéria intitulada “Contra gravidez na adolescência, Damares busca inspiração nos EUA para estimular jovens a não fazer sexo”, publicada em BBC News Brasil em 06/12/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50682336> [Acesso em 11/08/2023].

Prosseguindo nossa exploração dos usos e abusos do esquecimento além do nível psicopatológico da memória impedida, encontramos formas de esquecimento ao mesmo tempo mais afastadas das camadas profundas do esquecimento e, portanto, mais manifestas, mas também mais espalhadas entre um pólo de passividade e de atividade. Este era, em nosso estudo paralelo das práticas ligadas à recordação, o nível da memória manipulada [...]. Também era o nível em que a problemática da memória cruzava a da identidade a ponto de com ela se confundir, como em Locke: tudo o que constitui a fragilidade da identidade se revela assim oportunidade de manipulação da memória, principalmente por via ideológica. Por que os abusos da memória são, de saída, abusos do esquecimento? Nossa explicação, então, foi: por causa da função mediadora da narrativa, os abusos de memória tornam-se abusos de esquecimento. De fato, antes do abuso, há o uso, a saber, o caráter inelutavelmente seletivo da narrativa. Assim como é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo. A idéia de narração exaustiva é uma idéia performativamente impossível. A narrativa comporta necessariamente uma dimensão seletiva. Alcançamos, aqui, a relação estreita entre memória declarativa, narratividade, testemunho, representação figurada do passado histórico. Como notamos então, a ideologização da memória é possibilitada pelos recursos de variação que o trabalho de configuração narrativa oferece (Ricoeur, 2007, p. 455).

Retomando nosso *corpus* de pesquisa, e partindo de uma teoria da memória como potencialmente instrumentalizada pelos detentores do poder, a chegada dos fundamentalistas aos núcleos centrais de instituições religiosas, como a Convenção Batista do Sul, entre as décadas de 1970 e 1980, permitiu o paulatino apagamento de uma memória e de um conjunto de saberes, nesses espaços de poder, que propunha uma interpretação bíblica menos literal, bem como um maior afastamento entre Igreja e Estado.

Quando a *True Love Waits* foi lançada, como campanha político-religiosa, a ideia de se investir em políticas públicas de promoção da abstinência sexual juvenil ainda era recente, experimental e não se havia muita pesquisa sobre a temática. Todavia, no caso brasileiro, analisando a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo*, quase três décadas após a iniciativa estadunidense, o cenário já se diferencia pelo firme posicionamento científico contrário a campanhas do gênero, o que não impediu que, de modo reconfigurado, o Governo Federal lançasse um projeto contra a *erotização precoce* (uma ideia religiosa, e não científica), que omite a terminologia *abstinência sexual* com o fim de se evitar um vínculo mais direto com a memória de um fenômeno qualificado como fracassado em nível político-científico.

Portanto, esse esquecimento, do *discurso da pureza* como fenômeno histórico (e não eterno) e das críticas à *True Love Waits*, na elaboração da campanha contra a *erotização precoce* por parte do Governo Federal brasileiro, reflete o que Ricoeur chama de *vulnerabilidade da condição histórica*, aqui exemplificado pelo *esquecimento* como elemento constituinte da *memória* de uma política pública, pois, se esse esquecimento fosse lembrança, o desenvolvimento dessa campanha dificilmente seria possível.

5 CONCLUSÃO

Este artigo objetivou analisar a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo* como parte da *Política Nacional de Prevenção ao Risco da Atividade Sexual Precoce*, desenvolvida durante o governo de Jair Bolsonaro, com a importante contribuição de Damares Alves, Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. O corte metodológico realizado pela pesquisa, a partir de contribuições teóricas de Michel Foucault e de Paul Ricoeur, permitiu-nos compreender o esquecimento como elemento constitutivo na estruturação dessa política pública.

Passamos, por conseguinte, pela campanha cristã de promoção da pureza sexual juvenil denominada *Eu Escolhi Esperar*, devido à participação do seu idealizador, o pastor Nelson Junior, no seminário promovido pelo MMFDH, em 2019, na Câmara dos Deputados. Seminário este que antecedeu a política pública do Governo Federal contra a *erotização precoce*. Nesse momento, entendemos como a gestão de Jair Bolsonaro na Presidência da república, munido, por exemplo, do arcabouço ideológico de Olavo de Carvalho, possibilitou uma maior aproximação entre política e religião, através de uma resistência ao princípio da secularização do Estado, valorizando, por exemplo, enunciados de grupos evangélicos em detrimento do discurso científico.

Após indicarmos que a *Eu Escolhi Esperar* é resultado de um domínio de memória, reconfigurando, dentro das condições de possibilidade brasileiras das décadas de 2010 e de 2020, a campanha *True Love Waits*, passamos a observar o crescimento do movimento fundamentalista em denominações evangélicas estadunidenses, como entre os batistas do sul, os quais, pregando uma dessecularização do Estado em prol de uma governança mais cristã, conseguiram alcançar o Governo Federal dos Estados Unidos, que passou a ajudar os batistas do sul, por exemplo, na promoção da abstinência sexual como política de saúde pública.

Nossos estudos apontaram para uma não coincidência das grandes similaridades político-religiosas entre a *Eu Escolhi Esperar* e a *True Love Waits*, pensando a campanha brasileira como um eco da iniciativa estadunidense. A memória, como dinâmica entre lembrança e esquecimento, portanto, aparece-nos como elemento constitutivo de uma relação de poder, pois, o *imemorial* do discurso da pureza como fenômeno histórico (e não eterno), juntamente com o esquecimento das contribuições científicas contrárias a uma vertente evangélica fundamentalista de promoção política da pureza sexual, foram

elementos necessários para que a campanha *Adolescência Primeiro, Gravidez Depois – Tudo Tem o Seu Tempo* pudesse ser lançada como política pública.

REFERÊNCIAS

BOAS, Taylor C. **Evangelicals and electoral politics in Latin America: a kingdom of this world**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2023.

BRÜCKNER, Hannah; BEARMAN, Peter. After the promise: the std consequences of adolescent virginity pledges. **Journal Of Adolescent Health**, [S.L.], v. 36, n. 4, p. 271-278, abr. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2005.01.005>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CABRAL, Cristiane da Silva; BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência, iniciação sexual e gênero: perspectivas em disputa. **Cadernos de Saúde Pública**, [S.L.], v. 36, n. 8, p. 1-5, 03 ago. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/WryX9xCMY5vwNwjM33pqbyb/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio 2022.

CARRANZA, Brenda; DOS SANTOS, Renan William; JÁCOMO, Luiz. Dimensões religiosas da radicalização política no Brasil contemporâneo. **Revista Plural**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 5-16, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/188499/174215>. Acesso em: 25 jul. 2023.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. A juventude solteira e a sexualidade: abordagem e implicações na pregação protestante. **Último Andar**, [S. l.], n. 29, p. 231–244, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/31324>. Acesso em: 14 jul. 2022.

DE CARVALHO, Heloisa. **Meu Pai, o guru do presidente**. Curitiba: Editora 247, 2020.

DE CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

DOWLAND, Seth. **Family values and the rise of the christian right**. Filadélfia: University of Pennsylvania, 2015.

FERREIRA NETO JUNIOR, Nelson Pinto. **Eu escolhi esperar**. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

_____. **Eu escolhi esperar: para elas**. Vila Velha: Above publicações, 2013a.

_____. **Eu escolhi esperar: para eles**. Vila Velha: Above publicações, 2013b.

FERREIRA NETO JUNIOR, Nelson Pinto; CRISTINA, Angela. **Tire suas dúvidas sem tirar a roupa: não é só sobre aquilo**. São Paulo: Quatro ventos, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Lisboa: Edições 70, 2014a.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2013.

_____. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. Lisboa: Edições 70, 2014b.

_____. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

_____. **História da sexualidade 4**: as confissões da carne. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

_____. **Microfísica do poder**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

_____. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Editora Vozes, 2014c.

HEFLEY, James C. **The conservative resurgence in the Southern Baptist Convention**. Hannibal: Hannibal Books, 1991.

KLEIN, Linda Kay. **Pure**: inside the evangelical movement that shamed a generation of young women and how I broke free. Nova Iorque: Touchstone, 2018.

LANDRES, J. Shawn. When the Medium isn't the message: the true love waits campaign. **Religion & Education**, Santa Barbara, v. 23, n. 1, p. 25-33, jun. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/15507394.1996.11000820>. Acesso em 03 nov. 2022.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Experiência, memória, aprendizagem social e política. *In*: MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; TIRIBA, Lia (org.). **Experiência**: o termo ausente? Sobre história, memória, trabalho e educação. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

RIBEIRO JÚNIOR, Laelson Matos; DA SILVA, Edvania Gomes. Os descaminhos da memória em Foucault: descontinuidade, eco, arquivo e diferença. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, v. 30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8671141>. Acesso em: 20 maio. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SCHAEFFER, Francis A. **A Christian Manifesto**. 2. ed. Westchester: Crossway Books, 1982.

SCHAEFFER, Frank. **Sex, mom and God**: how the Bible's strange take on sex led to crazy politics, and how I learned to love women (and Jesus) anyway. Philadelphia: Da Capo Press, 2011.

SCHNELLE, Nils. **The Christian Right in the United States**: origin, structure, and political activism. 3. ed. Munique: Grin Verlag, 2009.

SELLERS, Tina Schemer. **Sex, god & the conservative church**: erasing shame from sexual intimacy. Nova Iorque: Routledge, 2017.

SMITH, Oran P. **The rise of baptist republicanism**. Nova Iorque: New York University, 1997.

SOUSA, Claudemir; DA SILVA, Francisco Vieira. "Reflita! Pense duas vezes": discursos sobre a virgindade e a castidade nos domínios da religião e da política. **Revista Interfaces**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 13-27, 2021. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6911. Acesso em 04 nov. 2022.

SPYER, Juliano. **Povo de Deus**: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; BARBOSA, Olívia Alves. A mulher e a família: agendas pentecostais na disputa pela gramática dos direitos humanos. **(SYN)THESIS**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 89-105, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/69311>. Acesso em: 03 set. 2022.

THE SOCIETY for Adolescent Health and Medicine. Abstinence-Only-Until-Marriage Policies and Programs: an updated position paper of the society for adolescent health and medicine. **Journal Of Adolescent Health**, [S.L.], v. 61, n. 3, p. 400-403, set. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.06.001>. Acesso em: 07 abr. 2023.

TRUE Love Waits. Direção: Travis Hawkins. Produção de Lifeway Films. Nashville: Lifeway, 2017. Disponível em: <https://www.lifeway.com/en/product/true-love-waits-the-documentary-digital-version-P005679096>. Acesso em: 26 jul. 2023.